

## **OS DESAFIOS DA ABORDAGEM DO RACISMO ESTRUTURAL: EXPERIÊNCIAS DO TRABALHO DA DESIGUALDADE RACIAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA<sup>1</sup>**

Beathryz Galdino Andriani<sup>2</sup>  
Filipe Rolim Ribeiro<sup>3</sup>  
Lauren Vitória Costa<sup>4</sup>  
Raphael Silva Bernardes<sup>5</sup>  
Jacyra Antunes Parreira<sup>6</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo visa discorrer, por meio de relato de experiência, os resultados obtidos durante as aulas lecionadas sobre desigualdade racial para os estudantes do 1º ano do ensino médio, em uma escola pública localizada no bairro Coração Eucarístico em Belo Horizonte - MG. Ao expor em sala de aula as repercussões perceptíveis perante a temática, evidenciamos as conexões estabelecidas a respeito das realidades dos discentes com a problemática discutida, assim como as novas compreensões acerca do continente africano e de seus descendentes no Brasil. Procuramos dissertar sobre o racismo estrutural, abordando temáticas como a multiculturalidade existente na África, o sentido de colonização brasileira e suas permanências na contemporaneidade. Esse debate se impõe cada vez mais em ambientes educativos, dada a intrínseca relação do tema com a conjuntura brasileira, trazendo visibilidade para personalidades historicamente silenciadas e marginalizadas.

**Palavra-chave:** Desigualdade racial, Racismo estrutural, Aprendizagem, PIBID.

### **INTRODUÇÃO**

A educação se apresenta como um processo fundamental para formação de um sujeito crítico, que busca compreender a realidade social para além das percepções amplamente disseminadas. Desse modo, a escola se constitui como uma instituição na qual o ato de ensinar não consiste em transferir conhecimento, mas em uma oportunidade para que o estudante crie as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996).

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado parcial das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais fomentado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: beathryzandriani2002@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: filiperolimsp@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: lauren.costa@sga.pucminas.br

<sup>5</sup> Graduando do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: raphabernardes82@yahoo.com

<sup>6</sup> Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenadora da área de História do PIBID. E-mail: jacyraantunes@hotmail.com

Nesse contexto, as atividades desempenhadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) são de grande relevância para a formação de professores, contrapondo as concepções tradicionais e tornando o aluno protagonista do seu processo de aprendizagem. O projeto atua de modo objetivo nesse cenário, promovendo o contato de graduandos em licenciatura com o ambiente escolar, possibilitando sua melhor compreensão, e proporcionando oportunidades para adaptação no âmbito da sala de aula.

O espaço promovido pelo PIBID, foi essencial para o desenvolvimento da temática da desigualdade racial. No contexto atual, esse tópico sofre com grandes retrocessos visto que de acordo com pesquisas divulgadas pela organização “Todos pela Educação”<sup>7</sup>, o ano que apresentou melhores resultados de instituições de ensino com projetos de enfrentamento ao racismo foi 2015, com 75,6% aderindo a esse movimento. Entretanto, após seis anos foi registrado o pior resultado, sendo apenas 50,1% das entidades com programas voltados a essa finalidade, e devido a esse cenário, nos sentimos particularmente motivados em trabalhar a problemática em sala de aula.

As aulas foram ministradas por nós, graduandos em licenciatura no curso de história da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, através do Projeto Leitura proposto professor orientador Marcelo Luís Braga da Silva, sob a coordenação da professora Jacyra Antunes Parreira. Visando ampliar a leitura de mundo dos discentes, que tiveram sua aprendizagem prejudicada pela pandemia de Covid-19, o projeto está sendo realizado com as duas turmas do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, localizada no bairro Coração Eucarístico em Belo Horizonte.

A partir deste artigo procurou-se discutir as experiências obtidas com o trabalho da desigualdade racial nesse cenário, evidenciando a forma com que este tópico foi desenvolvido nas aulas, os referenciais teóricos utilizados como suporte, e os resultados obtidos até o momento.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho enfatiza uma abordagem qualitativa, destacando-se ao desenvolver novas compreensões no que tange a desigualdade racial brasileira, se baseando em elementos como a contextualização histórica, a valorização das narrativas pessoais, experiências dos alunos, dinâmicas de grupos e interações, métodos diversificados de ensino e flexibilidade para

---

<sup>7</sup> A Todos pela Educação é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 2006, que possui como objetivo principal salvaguardar o direito a educação básica. A pesquisa utilizada nesse trabalho foi realizada entre os anos de 2011 e 2021, e divulgada em 24 de Julho de 2023.

adaptação conforme as necessidades dos alunos. Dessa forma, adquire outras concepções a respeito dos estigmas relacionados a comunidade negra, trazendo a historicidade da temática, as experiências pessoais dos alunos e os contínuos resquícios contemporâneo das violências sofridas pela população.

Buscando abordar temáticas que conectassem os alunos a suas realidades e que desenvolvessem uma leitura de mundo crítica, escolhemos alguns assuntos interdisciplinares para que os discentes votassem a partir das suas preferências. Assim, ao longo de 2023, trabalhamos as seguintes temáticas em ordem cronológica: desigualdade social, machismo e feminismo, comunidade LGBTQIA+, meio ambiente, povos indígenas e desigualdade racial.

Como trabalhamos com duas turmas distintas, contendo suas especificidades e demandas singulares, procuramos inovar – quando possível – nos métodos de avaliação, visto que essa metodologia possibilita a realização de aulas expositivas dialogadas, quiz de perguntas, debates, recursos audiovisuais, dinâmicas de grupo, produções de texto com a nossa orientação, além de seminários e exercícios de fixação. O tempo de estudo e planejamento para que ministrássemos essas aulas foi de dois meses, durante o qual exploramos desde as origens africanas no Brasil até os dias atuais, para melhor aprendizagem dos discentes acerca do assunto.

Por meio dessa abordagem, é construiu-se uma base sólida de conhecimento, contextualizando a historicidade africanas e o desenvolvimento histórico do racismo no Brasil. As dinâmicas de grupo desempenharam um papel crucial para incentivar os alunos a se sentirem à vontade para compartilhar suas perspectivas e experiências pessoais relacionadas ao tema. Os seminários e as atividades de fixação estimularam a conexão e troca coletiva das narrativas pessoais de indivíduos afetados ou não, pelo racismo.

Durante os meses de ensino, seguimos um cronograma que discutia conteúdos específicos para cada semana, permitindo um entendimento gradual sobre temática. Avaliamos diariamente o progresso dos alunos por meio de discussões em sala de aula e a partir de suas reflexões externalizadas nas suas falas. Assim, ao observar suas demandas, adaptamos nossa abordagem pedagógica conforme necessário, em conjunto com a metodologia escolhida, proporcionando um ambiente de conhecimento enriquecedor para os estudantes, e promovendo uma crítica das realidades dos descendentes afro-brasileiros suas conexões com a conjuntura atual do país.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

As bases teóricas aplicadas ao longo do Projeto Leitura foram fundamentadas em conceitos de autores como Bell Hooks, que compreende o espaço da sala de aula como um ambiente de diferentes perspectivas. Levando em consideração a diversidade de saberes que os alunos possuem e as reflexões que fazem durante a aprendizagem, percebe-se que teorias e práticas são instâncias complementares no processo educativo.

“(…) produzindo conscientização e efetivas modificações na vida dos indivíduos. Segundo ela, (Hooks) considerar a conscientização pode trazer a educação para um lugar que contribui para o enfrentamento e a superação de diferentes formas de opressão e de dominações sociais. (...) Hooks delinea sua perspectiva educacional que envolve a defesa de que teorizar é um processo crítico que pode conduzir a uma mudança em um contexto prático, a um processo de “cura” individual e coletiva.” (LEAL; CASTRO; MOREIRA, 2022, p.6)

Além do exposto, Paulo Freire foi uma referência basilar no desenvolvimento do projeto, uma vez que buscou-se apresentar para os estudantes novas referências e personalidades históricas negras, aferindo concretamente que o educando ao ser educado também educa os outros.

“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (...) compreendem o desafio na própria ação de captá-lo, mas, precisamente captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado.” (FREIRE, 2022, p.96-98)

Nos inspirando nessa corrente de pensamento freiriana, no qual destaca o princípio de que “ninguém educa ninguém”, já que a educação é um processo coletivo mediado pelo mundo, compreendemos o desafio de abordar a desigualdade racial em sala de aula. Suas raízes históricas, remontam ao período colonial, mas suas marcas transcendem esta época, implicando em repercussões sociais vigentes até a atualidade. Com objetivo de alcançar uma sociedade efetivamente democrática, é necessário o enfrentamento dessa problemática de modo coletivo, assim como aponta Lélia Gonzalez.

“Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial.” (Gonzalez, 2000)

De acordo com o atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania Sílvio de Almeida “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.”(ALMEIDA, 2019 p. 25). Evidenciando assim, que as instituições públicas contêm o racismo estrutural em suas raízes, e nesse contexto a escola deve se impor como uma ferramenta de mudança urgente na forma com



que essa temática vem sendo lecionada nas escolas públicas. Desse modo, busca-se alcançar uma consciência social mais aprofundada e crítica a respeito do racismo estrutural que assola a sociedade brasileira.

A filósofa e escritora Djamila Ribeiro ressalta essa perspectiva em sua fala: “a gente já nasce numa sociedade que tem uma hierarquia de humanidade em que, se você é negro, vai ser tratado de um jeito, se é branco, vai ser tratado de outro” (RIBEIRO, 2016). Nesse sentido, visando contemplar a diversidade social brasileira, o ensino de uma história inclusiva se apresenta como algo imprescindível no processo de aprendizagem. Possibilitando, desse modo, uma perspectiva mais aprofundada acerca do racismo estrutural e o incentivo ao diálogo aberto sobre a desigualdade racial, a fim de preparar os alunos para enfrentarem as disparidades raciais que a atual conjuntura do país impõe.


Para compreender os reinos africanos no período anterior a chegada dos europeus na África subsaariana, utilizamos as contribuições de José Rivair Macedo. Tal aspecto foi refletido na violenta colonização europeia do século do XV, sendo fundamental para a constituição da América Portuguesa ao receber pessoas escravizadas dessas regiões. Abaixo segue exemplos dos materiais desenvolvidos para um suporte didático durante as aulas ministradas.

**Imagem 1 - Materiais produzidos pelos pibidianos e entregue para os alunos**

PROJETO LEITURA  
ESCOLA ESTADUAL ODILON BEHRENS

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ / /

**CULTURAS AFRICANAS E REINOS**



**Zumbi (ADAPTADO)**  
Angola Congo Benguela  
Monyoa Cabinda Mina  
Quiloo Rebolo  
Aqui onde estão os homens  
Há um grande leilão  
Dizem que nele há uma princesa à venda  
Que veio junto com seus súditos  
Acorrentados em carros de bois  
Aqui onde estão os homens  
Dum lado cana de açúcar  
Do outro lado o cafezal  
Ao centro senhores sentados  
Vendo a colheita do algodão branco  
Sendo colhidos por mãos negras  
[...]  
- Jorge Ben Jor

**O perigo de uma história única (ADAPTADO)**  
Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.  
A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.  
É claro que a África é um continente repleto de catástrofes. Existem algumas enormes, como os estupros aterradores no Congo, e outras deprimentes, como o fato de que 5 mil pessoas se candidatam a uma vaga de emprego na Nigéria. Mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas.  
- Chimamanda Ngozi Adichie

PROJETO LEITURA  
ESCOLA ESTADUAL ODILON BEHRENS

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ / /

**APÓS A ABOLIÇÃO E IMPLICÂNCIAS NO DIA DE HOJE**

**Desmistificando a escravidão no Brasil (ADAPTADO)**  
Questões como o racismo, desigualdade social, violência (que no Brasil geralmente afeta mais as pessoas de certos grupos raciais), intolerância e outras, vêm desde a época em que existia a escravidão. Esses problemas fazem com que ainda hoje haja uma mentalidade autoritária, porque a própria escravidão era assim.  
- Cicero Augusto Richter Schneider

**Negro Drama (ADAPTADO)**  
Hei, São Paulo, terra de arranha-céu  
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel  
Família brasileira, dois contra o mundo  
Mãe solteira de um promissor vagabundo  
Luz, câmera e ação, gravando a cena vai  
Um bastardo, mais um filho pardo sem pai  
Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é  
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé  
Cê disse que era bom e as favela ouviu  
Lá também tem uisque, Red Bull, tênis Nike e fuzil  
Admito, seu carro é bonito, é, e eu não sei fazer Internet, videocassete, os carro loco  
Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho  
Só que tem que  
Seu jogo é sujo e eu não me encaixo  
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval  
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal  
- Racionais MCs



**ECONOMIA**  
**Mais de 1 milhão de pessoas vivem em situação de 'escravidão contemporânea' no Brasil, aponta estudo**  
País ocupa 19ª colocação no ranking global da organização Walk Free; países do G20 sustentam a escravidão moderna, importando quase meio trilhão de dólares em produtos vindos de trabalho nestas condições  
POR ANDRÉ LUCENA | 14 DE DEZEMBRO DE 2017

Da mesma forma, Aimé Césarie foi crucial na elaboração das aulas, pois através do autor buscamos demonstrar o cerne da escravização de pessoas africanas, que transforma os sujeitos em mercadorias a serem comercializados, explicitando o caráter cruel e desumanizante da colonização. O autor torna evidente esse pensamento no seguinte trecho: “entre o colonizador e o colonizado, só há espaço para o trabalho forçado e exploração. É minha vez de apresentar uma equação: colonização=coisificação.” (CÉSARIE, 2020, p.24)

Ao fazermos um recorte para o contexto específico do Brasil, recorreremos ao livro “Formação do Brasil Contemporâneo” de Caio Prado Júnior para demonstrarmos o sentido da colonização brasileira. Por meio dessa perspectiva, destacamos como esse processo foi marcado pela exploração econômica praticada pela metrópole sobre a colônia portuguesa, enfatizando como essa conjuntura afetou as pessoas negras, refletido no tratamento desumanizante que esses sujeitos recebiam.

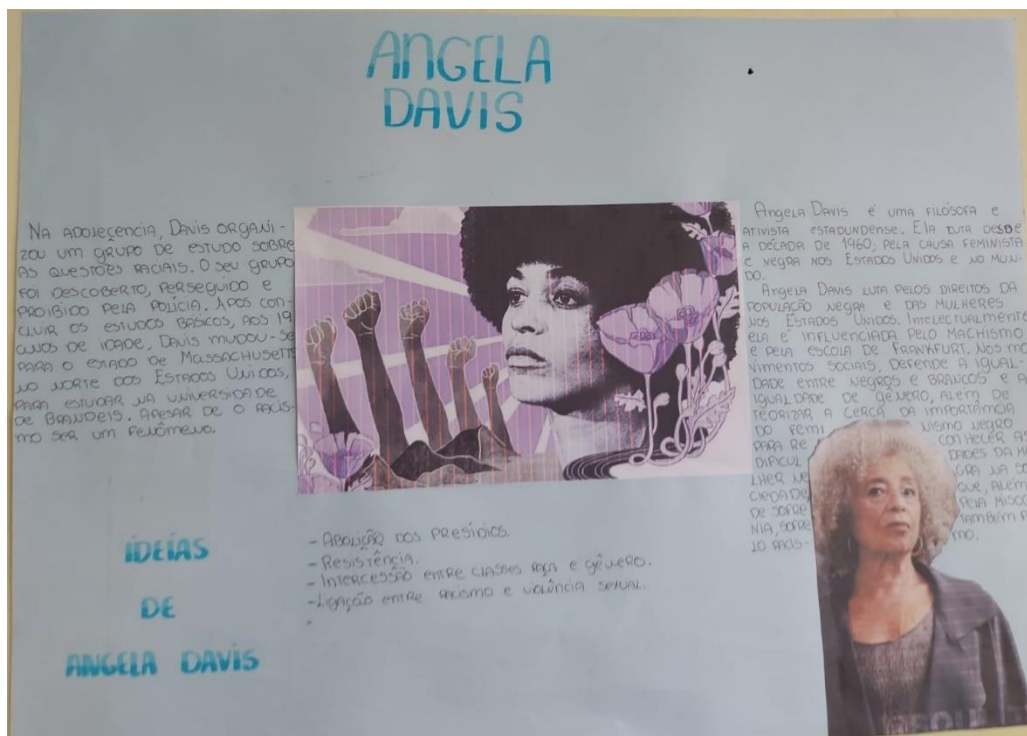
Por meio dessas acepções, ao tratarmos a problemática da desigualdade racial com os discentes, procuramos ouvir aquilo que eles compreendem desse assunto, integrando-os ao processo de aprendizagem. Assim, os estudantes estabelecem conexões com aquilo que vivenciam em suas realidades, expondo suas reflexões acerca do assunto através de comentários e opiniões, consolidando o conhecimento adquirido com os pibidianos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em conversa com os discentes, percebemos que há uma maior participação em atividades que envolvem criatividade, trabalho em conjunto e nas quais eles possam se expressar em contraposição as tradicionais aulas nas quais eles são apenas ouvintes. Devido a isso, nas atividades avaliativas sobre desigualdade racial, focamos em exercícios no qual pudessem expor o conteúdo aprendido da maneira que quisessem, e os grupos utilizaram tanto cartazes como também desenhos em folha sulfite e mapas mentais na lousa.

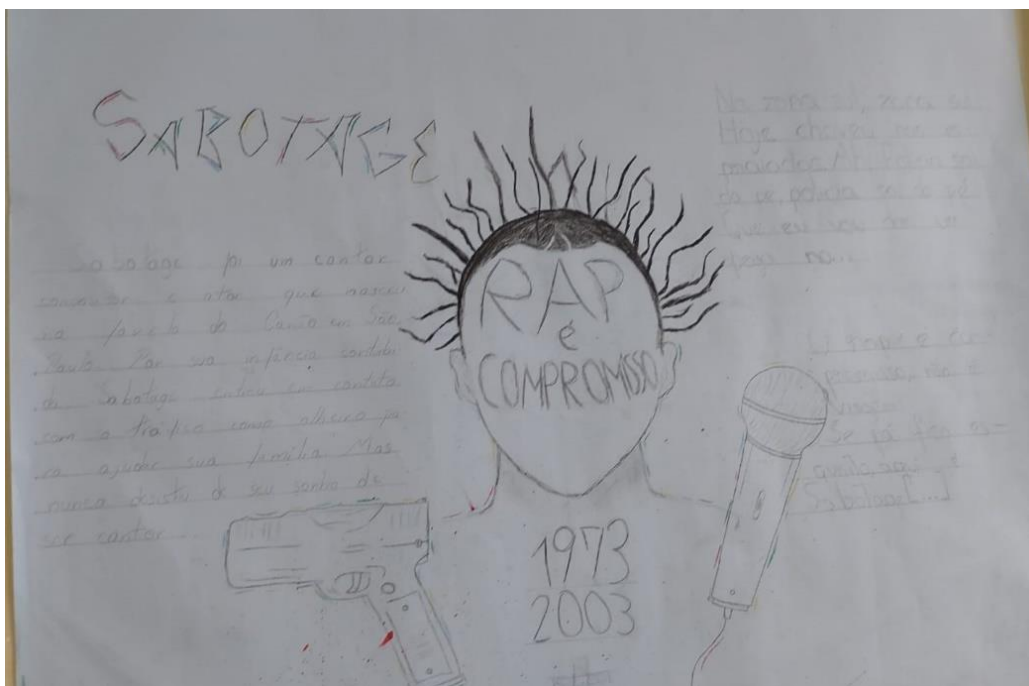
Nas imagens abaixo, os alunos apresentaram sobre personalidades importantes para o movimento negro, e recorreram a recursos ilustrativos para complementar sua fala. Esse ponto foi de suma importância para modificarmos nossas atividades tradicionais, transformando essa prática avaliativa em espaço para criatividade, originalidade e interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Isso torna o ambiente mais dinâmico, inclusivo e flexível, estimulando o desenvolvimento dos alunos.

**Imagem 2 - Apresentação de personalidades históricas negras: Angela Davis**



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2023.

**Imagem 3 - Apresentação de personalidades históricas negras: Sabotage**



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2023.

Os cartazes evidenciam o lado criativo dos alunos, assim como suas percepções adquiridas no processo de pesquisa para realização do trabalho acerca da personalidade escolhida. A flexibilidade com as regras de confecção dos cartazes teve por objetivo estimular uma maior autonomia dos alunos, no qual eles decidem como será o produto final da soma de seus conhecimentos e esforços.

Ao exporem o resultado de suas pesquisas com desenhos e ilustrações, na medida em que exploram outras formas de aprendizagem para além da escrita, percebe-se que o conhecimento é apreendido concretamente, e mutuamente com aqueles que assistem. Assim, percebemos que os resultados alcançados nessas vivências pedagógicas não são estáticos e imutáveis, mas sim, um processo contínuo e ininterrupto.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir disso, percebemos que os resultados e o processo de ensino e aprendizagem são contínuos, uma vez que o Projeto Leitura prosseguirá até o primeiro semestre de 2024. Tendo em vista a interdisciplinaridade desenvolvida no projeto, as próximas temáticas trabalhadas terão correlação com a desigualdade racial, dado que isto é um tema pertinente na atual conjuntura.

Constata-se, que por meio da metodologia aplicada, os alunos construíram a percepção de que o racismo é histórico e estrutural na realidade brasileira, através de suas falas durante as aulas, de suas provocações e das apresentações de personalidades que inspiram e continuam fornecendo bases para a luta de pessoas negras, que costumam ser postas às margens da sociedade. Para além dos conteúdos apresentados, os discentes desfrutaram de oportunidades de interagirem entre si e conceberam relações por meio das discussões trabalhadas.

Ao longo dessa trajetória no qual caminhamos juntos com os estudantes, nosso objetivo é despertar seus interesses pela matéria e explicitar como eles próprios são sujeitos históricos e agentes de transformação social. Entretanto, o processo de ensino-aprendizagem não se limita somente aos discentes: a cada aula lecionada e planejamento do conteúdo em conjunto com as interações afetivas com eles, aprendemos a respeitá-los como indivíduos, a ouvi-los mais e compreendemos que os alunos constantemente enriquecem nosso processo de aprendizagem e, principalmente antes de nos ensinar a sermos professores, nos ensinam a sermos humanos.

### **AGRADECIMENTOS**

Gostaríamos de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela possibilidade de fazermos parte do PIBID que permitiu o nosso



primeiro contato no âmbito da sala de aula. Também somos gratos a coordenadora do subprojeto de história pela PUC Minas, Jacyra Antunes Parreira, e ao nosso orientador Marcelo Luís Braga da Silva, por toda dedicação e empenho em nos auxiliar nessa jornada. Reconhecemos todo apoio e orientação que recebemos ao longo do caminho, e gostaríamos de salientar que estas serão inestimáveis para a nossa trajetória enquanto professores em formação. Por fim, gostaríamos de expressar nossa gratificação a todos os funcionários da escola, por sua receptividade e disposição conosco.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural: Feminismos Plurais**. São Paulo: Pólen, 2019. p. 25
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- EDITORA UAPÊ. **A DEMOCRACIA RACIAL: UMA MILITÂNCIA**. Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gonzalez/ano/mes/90.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996. Disponível em: [http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire\\_P\\_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf). Acesso em: 22 set. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 82 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.
- JÚNIOR, Caio Prado. O Sentido da Colonização. *In: Formação do Brasil Contemporâneo*: Colônia. 6 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 13-26.
- LEAL, Halina Macedo; CASTRO, Amanda Mota; MOREIRA, Raylene Barbosa. **Bell Hooks: Descolonizando a educação. Polêmicas Feministas**, Blumenau, v. 6, p. 1-12, 2022.
- MACEDO, José Rivair. **História da África**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Racismo no Brasil: “O crime perfeito”**. 2016. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/02/07/racismo-no-brasil-o-crime-perfeito-entrevista-com-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 30 set. 2023.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. **APENAS METADE DAS ESCOLAS PÚBLICAS TÊM PROJETOS PARA COMBATER RACISMO NO BRASIL**. 2023. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/apenas-metade-das-escolas-publicas-tem-projetos-para-combater-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 24 set. 2023.